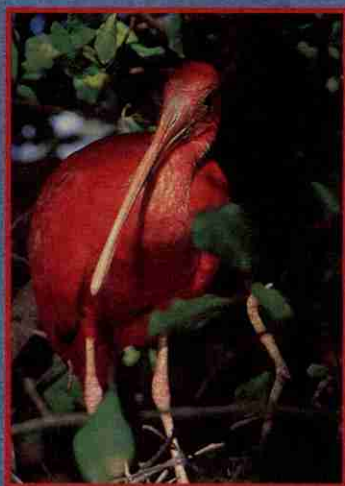


A VIDA RETORNA A



FOTOS ARADUEW ALCANTARA

Mangue que o homem poluiu e arrasou com as dragagens renasce transformado num grande viveiro para mais de oitenta espécies de aves aquáticas, algumas delas vindas do Hemisfério Norte

Daniel Hessel Teich



CUBATÃO

O guará é uma ave cujas penas são tão bonitas que foram escolhidas pelos tupinambás, os habitantes originais do litoral paulista, para confeccionar os mantos de seus chefes. Quando está pronto para se reproduzir, sua plumagem, que já é vermelho vivo, ganha cor ainda mais forte, mais luminosa. Depois de andar sumido da região por décadas, o guará é uma das mais de oitenta espécies de aves aquáticas que estão transformando os mangues de Cubatão num dos mais diversificados viveiros do Brasil. É como se um mini-Pantanal Mato-Grossense estivesse encravado num dos lugares mais degradados da costa brasileira. O pântano onde as aves vivem ocupa uma área de 70 quilômetros quadrados entre os municípios de Cubatão e Santos e foi inteiramente revirado por sucessivas dragagens. Devido aos gases e aos despejos da indústria química ali instalada, a região era considerada nos anos 80 um dos lugares mais poluídos do mundo. Impressiona como tudo isso acabou contribuindo para criar um ecossistema em que os pássaros se sentem à vontade.

Como acontece com o guará, o verão é a época de acasalamento para as aves que vivem permanentemente na região. Garças-azuis, garças-brancas, socós, saracuras e gaviões-asa-de-telha juntam-se às centenas em ninhais instalados próximo a pontilhões das rodovias, nos terminais marítimos das empresas e nos braços de mangue mais afastados. É também a ocasião em que aves migratórias fugindo do inverno na América do Norte, como os maça-



Guarás em frente à siderúrgica Cosipa: prontos para começar o acasalamento

ricos, batuínas e águias-pescadoras, se refugiam nos lodaçais e braços de mar repletos de peixes, caranguejos e pequenos vermes com que se alimentam. Atrás dessas aves juntas vêm as de rapina, como o falcão peregrino, que ataca os ninhos em busca de filhotes. Esse ecossistema complexo se instalou no mangue nos últimos dez anos. O período coincide com a diminuição gradativa da poluição industrial na região. Mas a limpeza do ar e do solo não explica inteiramente o fenômeno.

O que está ocorrendo nos mangues de Cubatão é uma demonstração do espantoso poder regenerador da natureza. O lugar tornou-se propício à reprodução de aves aquáticas, graças, sobretudo, a outra grande intervenção humana, que alterou a geografia original do mangue. Para instalar os complexos industriais, enormes áreas pantanosas foram aterradas, da mesma forma como os braços de mar e rios foram dragados para que navios de grande calado pudessem passar. Milhares de toneladas de lodo foram revolvidas do fundo do mangue para abrir um canal, o Piaçaguera, com 8 quilômetros de comprimento e profundidade entre 10 e 20 metros. A lama foi atirada em direção às margens. Até 1988, 1,8 milhão de metros cúbicos de terra que anualmente eram dragados do canal iam se amontoar à beira da água. Tanto que formaram praias com até 2 quilômetros de extensão, de pura lama. É lá que as aves se esbaldam, comendo caranguejos e vermes. O desmatamento também contribuiu para atraí-las. É improvável que tantas espécies pudessem ter vivido ali na época em que havia mata fechada. É a vegetação rala que permite aos pássaros capturar seu alimento no solo. "A mão humana acabou anabolizando esses viveiros", diz o biólogo Robson Silva e Silva. Ele estuda as aves do mangue há sete anos, num projeto que hoje é patrocinado por uma indústria de fertilizantes da região.

O principal estudo de história natural desse mangue, feito pelo naturalista



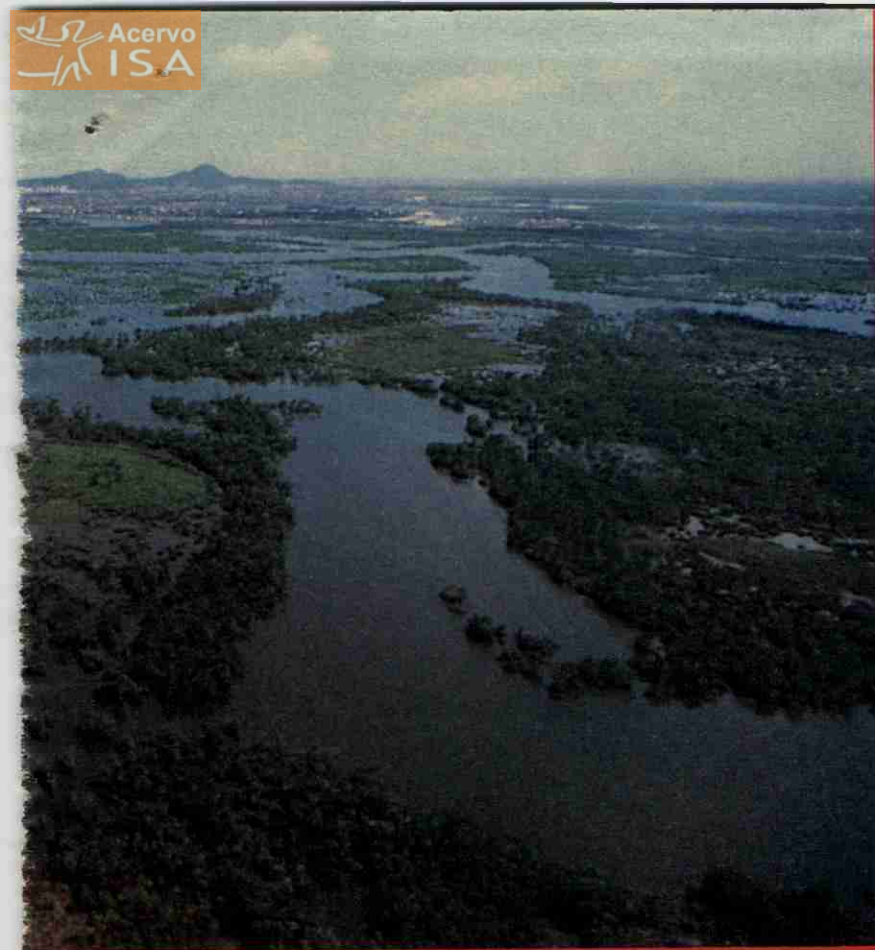
Mangue de Cubatão:
ação humana criou um
dos mais exuberantes
ecossistemas do país



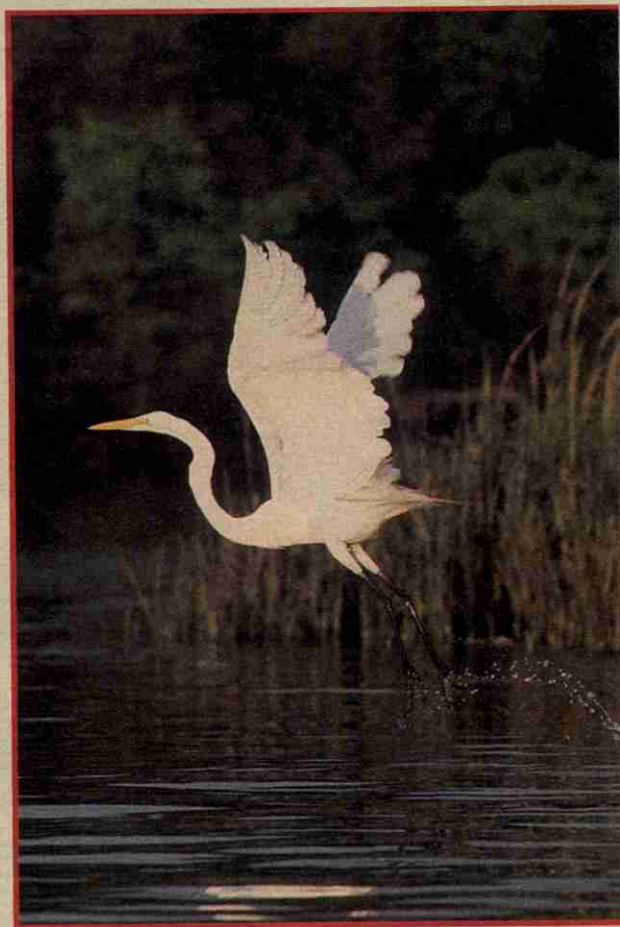
ARAQUEM ALCANTARA

Hermann Luederwaldt em 1919, revela uma fauna bem menos diversificada. O naturalista observou grande concentração de gaivotas, fragatas e umas poucas garças. Colhereiros, aves também bastante comuns nos dias de hoje, são mencionados como raridade. Guarás e alguns tipos de marrecas nem estão no inventário publicado com o nome de *Os Mangues de Santos*. Luederwaldt também viu poucas espécies migratórias. Descreveu marcaricos e batuínas, pequenas aves que vêm do Alasca numa

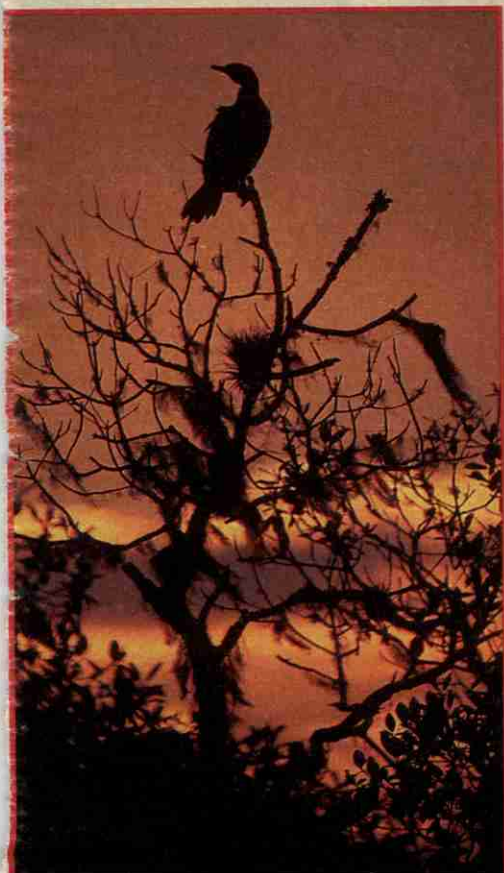
viagem de mais de 12 000 quilômetros de distância. Não viu, no entanto, exemplares majestosos, como a águia-pescadora, que da ponta de uma asa à da outra tem o tamanho de um homem. Comuns na Amazônia, essas aves originais do nordeste dos Estados Unidos fizeram de Cubatão a escala regular mais meridional na rota que percorrem fugindo do frio. É um comportamento semelhante ao do falcão peregrino, também nativo da América do Norte. Em sua pesquisa, Silva chegou a capturar um exemplar da



ROBSON SILVA E SILVA



Aves de vários pontos da América vêm comer em Cubatão. Os talha-mares (à esq.) são originários da Argentina, os biguás vêm da Serra do Mar e a águia-pescadora (abaixo) vem dos Estados Unidos. A garça branca (à dir.) é nativa e vive em enormes colônias



FOTOS: ARAQUEM ALCANTARA

ave marcado por biólogos ainda no ninho, logo após sair do ovo, com um anel registrando sua origem na região de Manitiisoq, na Groenlândia. É no mangue da Baixada Santista que as aves migratórias engordam durante meses, acumulando reservas para a longa viagem de volta. Apesar de viverem parte do ano na América do Sul, elas esperam chegar ao Hemisfério Norte para se reproduzirem.

Por todo o planeta se encontram exemplos de áreas mortalmente devastadas que florescem depois de alguns anos

de descanso. Foi assim com o Atol de Bikini, no Pacífico, onde os americanos detonaram uma série de bombas nucleares na década de 50. Hoje é um paraíso dos mergulhadores, tamanha a exuberância da vida marinha que existe por lá. Os peixes, estrelas-do-mar, corais e outros animais vivem em meio aos destroços de uma frota de dez navios afundados nos testes. A tragédia ambiental em Cubatão jamais alcançou a esca-

la da de Bikini. Mas nos piores momentos foram identificadas por lá 320 fontes poluidoras do ar, da água e do solo. Lançavam-se 64 toneladas de poluentes por dia nas águas do mangue, incluindo 4 000 quilos de metais de difícil dissipação na natureza, como mercúrio, cromo e zinco. O despejo é hoje 5% do que era. Só a quantidade de lixo doméstico, produzido pelas favelas e levado pela maré, pouco se alterou. Os pássaros não se importam, pois os despejos humanos são também fonte de alimento. ■